

Há mulheres que nascem, crescem, amam, têm filhos e morrem. Outras, ao nascer, recebem algo a mais na vida, têm luz própria. Brilham sempre, onde quer que estejam.

Anail se enquadra neste grupo de mulheres luminosas. Aos 23 anos já é casada, gerou um filho e continua charmosa, sensual e sedutora. Os cabelos negros, longos e ondulados que lhe cobrem os ombros sempre nus, realçam a alvura e a maciez da pele. O decote das blusas e dos vestidos, generoso e arrebatador de longos olhares masculinos, é freqüente. Mesmo em locais de trabalho ou em outros que exijam mais discrição, Anail sabe como se vestir sem abandonar a generosidade dos decotes, ainda que discretamente percebidos pelos mais curiosos. As saias que veste são longas com botões na frente, de cima abaixo. Depois que casou, as minisaias sumiram do seu guarda-roupa. Chega ao trabalho sempre atrasada e com todos os botões fechados. Minutos depois, sentada de pernas cruzadas, as coxas bem feitas tornam-se o tormento dos colegas. Discretamente, sem que lhe vejam, desabotoa a saia de baixo até a um palmo acima dos joelhos. Ao caminhar, as longas pernas são mostradas como por acaso e ao sentar-se, finge não perceber os olhares de cobiça. Alta, esguia, corpo curvilíneo, olhos grandes e brilhantes, é atraente e a todos cativa com sua presença. O comportamento lascivo ao vestir-se seria dispensado se ela tivesse auto-afirmação e soubesse que sua beleza é suficiente para ser notada por todos.

Transmite sensualidade e feminilidade nos movimentos ou palavras que pronuncia. É das mais comentadas habitantes da cidade e está em evidência permanente. Se o fraco semanário *A Tribuna de Pilares* tivesse uma coluna social, Anail lá estaria todas as semanas em fotos meticulosamente preparadas. Entretanto, em Pilares, as colunas sociais são substituídas por comentários de esquina e de bares. Nestes, o nome dela está sempre presente. Uma das versões que a colocam na boca dos freqüentadores do Barcão, até hoje não confirmada, diz que o pai do seu filho é o ex-patrão de Anail, dono da cerâmica Telha Nova, uma das três ou quatro pequenas indústrias existentes na cidade, na qual ela trabalhou dos 16 aos 21 anos, quando casou. Apenas maldade dos invejosos ou realidade, o

fato é que Anail saiu do emprego grávida e passou a viver com Alex Bonetto, filho do fazendeiro Arlindo Bonetto. Ela costuma rebater as críticas dizendo que graças a Deus o filho saiu a cara do pai: loirinho, com cabelos cor de fogo. A dúvida, aguçada pelos falatórios, é que o dono da cerâmica também possui cabelos cor de fogo.

O telefone chama. Anail corre para impedir o segundo toque, preocupada em não acordar o filho que dorme, apesar da tarde quente. Está triste pelo dia de ontem, marcado com o enterro do amigo e protetor.

- Alô! Sim, é Anail - disse ela quase mecanicamente.

- Aqui é o delegado Prates. Eu preciso conversar com a senhora sobre um assunto de interesse mútuo. A senhora pode vir ao meu gabinete hoje ou amanhã?

- Delegado? Mas do que se trata? - indagou angustiada, pensando em algum problema com o marido que ainda não se livrou inteiramente das drogas. Isso é um segredo do casal. Não podia ser!

- Não se preocupe. Quero apenas trocar algumas idéias com a senhora sobre a morte do Sr. Alceu. Não emiti mandado formal de comparecimento para não importuná-la com esses assuntos desagradáveis. Não quero que se registre algo envolvendo o seu nome. Mesmo assim, preciso conversar com a senhora. Será um prazer...

- Bem, eu não sei se devo... - balbuciou, como se tivesse ficado intranquã. De fato, Anail apenas derrama seu charme sobre o delegado. O *será um prazer...*, pronunciado com voz grave e pomposa, soou como um galanteio e ativou a adrenalina.

- Dona Anail, estou tentando ser gentil o mais que posso. Por favor!

Percebendo a mudança no tom de voz, agora enérgico e quase autoritário, Anail respirou fundo, balançou a cabeça com movimentos laterais, jogou para traz os cabelos como se estivesse na presença do Dr. Prates e quisesse com isto chamar-lhe a atenção e assentiu.

- Está bem, quando devo ir?

- Amanhã às quatorze horas, pode ser? - sugeriu o delegado.

- Está certo, amanhã eu vou às duas da tarde.

Largou o telefone e colocou um CD sertanejo para rodar – ela é “fã de carteirinha” das duplas brasileiras. Os cantores clássicos e os famosos da música internacional ou nacional não lhe inspiram a menor importância. Gosta mesmo é do som que toca na alma, o sertanejo citadino como são chamadas as duplas musicais tidas e havidas como sertanejas, mas que na verdade fazem tanto ou mais sucesso de vendagem na cidade grande do que nas pequenas localidades do sertão brasileiro. Foi ao quar-

to do filho, olhou atentamente o garoto, acariciou os ombros nus do menino que transpirava muito com o forte calor do dia ensolarado e resmungou mentalmente contra a falta de ar-condicionado em casa. A droga de marido - pensou raivosamente - não é capaz de arrumar um emprego que lhes dê mais conforto. Pudera, o incompetente não passa de um vendedor de cervejas! Mesmo sendo filho de fazendeiro, os poderosos Bonetto, não se formou e sequer entrou na faculdade. É mais um menino mimado que, ao enfrentar a vida, se vê diante da realidade dura sem que o pai nada possa fazer. Especialmente na cama, seu casamento é um fracasso. “Que droga estar pensando em problemas pessoais. Tenho mesmo é que fazer do meu filho um homem. Eu já me dei mal.”

O pessimismo toma de assalto sua mente quando qualquer problema lhe aflige, e naquele momento, o telefonema do delegado era um grande problema. Revoltava-se com o subemprego do marido, mas lembrava também do erro que cometeu ao abandonar a faculdade. Com muito esforço tinha passado no vestibular de direito. Sonhava ser uma grande advogada ou, pelo menos, obter o diploma que lhe garantisse um emprego público em um centro maior. A gravidez lhe fez parar no primeiro semestre do curso e passar a viver com Alex. Foi um casamento simbólico, por conveniência, pois em Pílares as más línguas não perdoam mãe solteira. A mentalidade do povo pilarense, como orgulhosamente se auto denominam os moradores da cidade, condena ainda hoje a mulher que engravida sem ter casado. Este é o seu caso. Por isso juntou-se ao filho dos Bonetto, a quem pensava amar e que, por ser herdeiro de prováveis fortunas, resolveria o problema daquela criança que estava chegando sem o pai oficial. Foi um erro a mais.

Agora está sem trabalho. Foi demitida da usina, seu segundo emprego, sob a alegação de corte nos custos. Não tem boa situação econômica e o baixo salário do marido é insuficiente para manter o padrão que gosta de ostentar.

Chamou a babá, deu-lhe algumas ordens sobre o que fazer se o filho acordar e saiu. Não podia ficar em casa. O telefonema do delegado mexeu com seus nervos. Saiu a pé. Entrou na Avenida XV de Novembro e seguiu em direção ao centro.

A Avenida, apenas Avenida, porque é a única da cidade, corta Pílares de norte a sul. Nela estão instaladas quatro das seis agências bancárias existentes. Comenta-se que em breve uma será fechada. O fraco movimento econômico não comporta tantos bancos. A cidade não cresce, o comércio mostra sinais de debilidade, lojas são fechadas e poucos negócios novos são abertos. Há um questionamento entre as autoridades sobre

o encolhimento de Pilares. Ninguém entende por que um município que em 1930, segundo registros de *A Tribuna de Pilares*, publicados na edição comemorativa ao aniversário da cidade, tinha uma população em torno de 18.000 habitantes e hoje possui o mesmo tamanho ou um pouco mais.

Na esquina da XV de Novembro com a Praça Marquesa de Castro está a sapataria do Hamilton, um mineiro de pele morena, fala rápida e firme nos pronunciamentos feitos, a sua moda, com mágoa e tristeza. Enfrenta sérios problemas com o pequeno negócio que tem. Vindo de Pouso Alegre, do sul de Minas Gerais, há 2 anos estabeleceu-se para fazer aquilo que sabia: consertar sapatos. Auxiliado pelo pai Geraldo, desenvolveu rapidamente grande clientela e começou a fazer bom dinheiro. Estava indo bem no trabalho, quando resolveu saltar de simples prestador de serviços a verdadeiro comerciante. Ampliou a sapataria e passou a negociar cintos, sandálias, tênis, vários artigos em couro que mandava vir do sul e, é claro, sapatos. Aí, sentiu o que é não ser um pilarense.

Estava junto à máquina de polir calçados, envolvido pelo forte barulho do motor, já desgastado e com folgas, que lhe impedia de ouvir o cumprimento do freguês e amigo Francis.

- Boa tarde Hamilton - gritou Francis pela terceira vez.

- Olá! Francis - respondeu o sapateiro que automaticamente levou a mão ao interruptor e desligou a barulhenta polidora de sapatos. Abriu largo sorriso e lhe estendeu a mão preta pela graxa de lustrar couros. - Como vai esta força, sempre ganhando muito dinheiro e trabalhando pouco! - gracejou ele.

- Não. Sempre trabalhando muito e ganhando pouco - contrariou Francis, apertando-lhe a mão com energia e entusiasmo.

- Hoje estou meio chateado - disse o sapateiro.

Hamilton é um homem de atitudes diretas. Quando está feliz, não esconde os motivos do seu sorriso. Não faz rodeios e imediatamente toma a dianteira do diálogo, expondo logo o que alegra ou entristece sua alma. Ao visitá-lo, Francis sabe que precisa de paciência para ouvir e, depois, tratar do assunto que o leva até ele. Reserva o tempo necessário para entrar na lojinha do sapateiro e, por vezes, o visita apenas para jogar fora dez ou quinze minutos de conversa.

- Tenho que sair deste ponto. Não posso mais pagar o aluguel, ficou muito caro - lamentou o sapateiro coçando o lóbulo da orelha esquerda, como se estivesse à procura de meios que o auxiliem a sair do problema.

- Mas você está bem instalado, parece que vende o suficiente para viver e agora me diz isso - surpreendeu-se o engenheiro.

- Não está bem não, Francis. Esta cidade não aceita pessoas de fora.

Eu sou de outro estado, sou mineiro. Enquanto não for embora eles não sossegam. Apesar de minha mulher ser pilarense, eles não querem que o meu negócio aumente. Quando fazia só conserto de sapatos, eu vivia mais tranqüilo. Agora não, eles fazem tudo para eu ir embora.

- Mas eles quem, homem?

- Os grandes da cidade, os donos de Pilares. Pessoa de fora é inimiga. Agora mesmo saiu daqui o proprietário desta sala, dizendo que precisa aumentar o aluguel. "O contrato ainda tem dois meses", falei e ele me respondeu que veio para me alertar. Se eu não concordar com o acréscimo, tenho que sair. Perguntei quanto vai querer de reajuste e ele não me deu certeza de nada.

Francis seguiu ouvindo.

- As leis, ele não quer respeitar – continuou o sapateiro. - Neste fim de mundo, fazem o que querem, o que importa é não deixar os negócios de fora crescerem aqui.

- Hamilton, será que o dono da sala não está no seu direito de exigir um aumento justo? – ponderou o visitante.

- Nada não, Francis. Eles viram que o meu negócio cresceu e agora querem acabar com ele. Você, que mora em São Paulo, ainda não viu nada. A cidade fala mal do teu trabalho, quer te ver longe daqui.

- Claro que percebi - respondeu Francis. - Mas no meu caso há motivos para isso. Para pôr ordem nos serviços de água e esgoto foi preciso mexer no bolso da população e isto é desagradável e antipático. Alguém tem que ficar com o ônus de ser o vilão e sobrou para mim.

- É isto mesmo. Eles te chamam, você e o prefeito, de ladrão. Dizem que você veio da capital para tirar o dinheiro dos pobres de Pilares - sentenciou o sapateiro.

- Pois diga a eles que, em troca do pagamento que fazem, existe água nas torneiras durante 24 horas por dia - disse Francis com aparente calma.

- Você pode ficar certo de uma coisa, cedo ou tarde eles te mandam de volta. Eu que sou casado com a Neuza, nascida aqui, sofro na pele a pressão para ir embora. Eles vão te pressionar também. Vão aumentar o aluguel, vão te negar outra casa para mudar o escritório, os bancos vão apertar se você precisar de dinheiro e não vai sobrar alternativa senão partir. Você não é daqui, eu também não. Eles não querem você, nem eu! É por isso que esta bosta de cidade não cresce. O povo é mesquinho. É um povinho de merda que não vê além do nariz. Não enxergam que um negociante de fora, ao se estabelecer na cidade, dá emprego para o seu povo. Não é o meu caso que trabalho só com o meu pai, mas você, quantos em-

pregados tem? Seis, sete, não importa quantos. Você dá emprego para algumas famílias pilarenses. Não é verdade?

- Sim, é verdade – assentiu Francis.

- Você conhece o Moisés, da fábrica de plástico? - Hamilton se referia ao proprietário de uma pequena indústria recicladora que faz plataformas injetadas em plástico para tênis e sapatos - Ele tem mais de quarenta funcionários, todos daqui. Faz dez anos que chegou a Pilares e ainda hoje é escanteado. Não deixam ele entrar no Rotary da cidade porque é de fora.

- Eu acho que te contaram o milagre pela metade - discordou Francis. - Se ele quiser, entra no Rotary sem problemas. Eu mesmo já fui convidado e participei de duas reuniões. E vou te contar um segredo, estou pensando em fazer uma palestra aos sócios sobre os serviços de água desta cidade.

- Como convidado você faz a palestra, mas como sócio você não entra. Duvido!

O sapateiro jogou fora toda raiva pela discriminação que sofre. As autoridades, os donos da cidade não sabem e se sabem não divulgam, por que Pilares não se desenvolve há quase um século. Pior do que isso, está diminuindo.

Francis estava absorto com estes pensamentos e mal percebeu o sapateiro atendendo a uma moça que acabara de entrar. Seu amigo tinha razão, pois ele mesmo, vindo da capital, era também discriminado. Julgava que fosse apenas um problema inicial, de adaptação da cidade com as novas tarifas municipais. Passou a pensar que o sapateiro enxergava além do nariz. A cidade não crescia porque não deixavam. Francis ouviu falar ou leu que na época áurea do café, até os anos cinqüenta, a cidade era outra. Tinha movimento, mostrava pujança. Hoje ele percebe que, vivendo da cana e dependendo da usina como se fosse um parasita, a cidade parou.

Suas divagações foram interrompidas pela voz alterada do sapateiro.

- A senhora ainda não me pagou o conserto da sandália - dizia ele para Anail, a moça que Francis mal vira entrar.

- Está certo, mas também faz só um mês que eu fiquei devendo. A semana que vem meu marido recebe a comissão e eu venho pagar o senhor - dizia ela com voz mansa, quase suplicante.

- Então a senhora retira o sapato na semana que vem.

- Não pode seu Hamilton. Eu preciso deste sapato para amanhã à tarde. Tenho um compromisso muito importante e não posso esperar.

O sapateiro, visivelmente irritado, apanhou o par de sapatos e o co-

locou sobre o balcão.

- Está bem, pode levar. A senhora fica me devendo os dois conser-  
tos.

Anail, pessoa sem escrúpulos, especialmente em se tratando de di-  
nheiro, já que sente prazer em ficar devendo e ser cobrada, prometeu pa-  
gar sem falta no dia combinado.

- Muito obrigada, pode ficar tranqüilo. Eu venho pagar na semana  
que vem - respondeu ela, colocando os sapatos dentro de uma sacola plás-  
tica e se foi.

Hamilton virou-se para Francis que sorria zombeteiramente.

- Você está rindo porque não é você quem vai marchar! - reclamou  
ao amigo.

- Calma rapaz! Não fica tão irritado. Não é só em você que ela passa  
o calote. Todos os meses o sistema emite aviso de corte para a casa dela. -  
Francis referia-se ao sistema informatizado que controla os pagamentos  
das contas de água. - Ela só paga sob pressão. Dizem que as lojas não lhe  
vendem mais a prazo.

- Você está vendo, este é o povo desta cidade.

Hamilton, aturdido pela contrariedade, generaliza, erroneamente, a  
partir de um só exemplo. Anail é má pagadora, mas a cidade tem também  
pessoas honestas.

- O último honesto que tinha morreu. Morreu não. Mataram, quer  
dizer, falam que mataram... - Hamilton referia-se ao ex-prefeito Alceu, en-  
terrado no dia anterior.

- É, dizem que ele não morreu, foi morto. Você sabe alguma coisa?

- Não, claro que não! - exclamou rapidamente o sapateiro.

Francis achou estranho o comportamento do amigo. Perguntou pelo  
pai, o Sr. Geraldo, que não estava ali e nem apareceu durante o tempo em  
que ficaram conversando. Hamilton respondeu com evasivas e Francis  
despediu-se, saindo pensativo. O sapateiro mudara completamente com a  
presença daquela moça e a abordagem sobre a morte do Alceu lhe pareceu  
muito estranha.